

ANTÓNIO LÓPEZ EIRE, MEMÓRIA DE UM AMIGO

De há tempos que trago na mente o projecto de escrever estas poucas páginas. Sinto-me, com esta preocupação, próxima de um círculo de amigos, que imagino vasto, e que comigo partilham um privilégio: o de terem privado com António López Eire. Hesitei sobre como desempenhar-me desta incumbência, ao mesmo tempo amarga e suave - a de recordar, agora, algum momento do nosso convívio - e fiquei um tanto perplexa. Foram tantos esses momentos, sempre de convivência animada, de partilha de conhecimento, de muita alegria e humor. Qual deles escolher, por onde começar? Acabei por percorrer alguns registos de vida académica, que serviu de pretexto a essa boa amizade, e recordar tempos de vida universitária, que são também um roteiro de encontros com o António.

Julgo que o conheci em Toulouse, em 1994, num colóquio onde nos aproximava um amigo comum, Pascal Thiery, um 'aristofânico' conhecido, como o era também António López Eire, por essa altura, quando eu dava ainda os meus primeiros passos 'exteriores' no mesmo caminho. Ouvi-o falar de um assunto em que se tornou um perito e de que muito vim a aprender a partir de então: da linguagem de Aristófanes, que o António apurava não como quem cumpre uma difícil tarefa de trabalho; aceder à linguagem do dia-a-dia da Atenas no séc. V era para ele uma 'odisseia' bem sucedida, uma aventura de final feliz, que nos punha, os seus ouvintes, ao vivo no que antes parecia um território inacessível por 2500 anos de distância. Para o António não, esse tempo desaparecia por trás da sua imaginação, vigor intelectual e

muito saber. Recordo que vim desse convívio de Toulouse animada a prosseguir no que era uma pista nova que se abria.

Cerca de um ano depois, esse primeiro encontro ganhava, à sombra do mesmo Aristófanes, uma dimensão nova. Reuniamos-nos, desta vez em Brest, perante um convite do Pascal, para uma mesa redonda, a ser gravada em vídeo, para discutir *Problèmes de mise en scène du théâtre antique*. Esta havia de ser uma experiência que repetimos várias vezes e que se tornou inesquecível. Afeito a novidades, avesso aos modelos comuns, Pascal Thierry fugia ao convencional e juntava-nos para uma discussão científica - como não? -, mas com essa faceta inovadora: seríamos filmados, para que a discussão pudesse chegar a outros auditórios. A simples originalidade do modelo foi, por si mesma, pretexto para muito humor e alegre convívio. Se foram entusiasmantes as discussões, como esquecer os 'bastidores' e aqueles momentos em que simplesmente conversávamos à volta de uma mesa, contávamos anedotas - António era um génio nessa área - e ríamos descontraídos? O Pascal sempre foi um anfitrião emérito, que fez de nós um clube de amigos capaz de juntar trabalho e lazer, numa deliciosa harmonia.

Foi assim que passámos a rodar entre as nossas três Universidades - Brest, Salamanca e Coimbra -, inventando qualquer pretexto - Aristófanes, o teatro, a retórica - para passar alguns dias de inevitável prazer. Através do António, vim a conhecer os que eram seus antigos colegas em Salamanca, Melero Bellido, López Férez, Ignacio Alfageme, Emilio Suárez e outros. Respirei com eles aquele sabor de 'ser sempre estudante', que só as cidades académicas tradicionais - como Salamanca e Coimbra também - sabem inspirar. Através das histórias e anedotas que contavam, conheci-lhes os mestres, que até aí eram para mim apenas 'a bibliografia em língua espanhola'. Salamanca, na pessoa de António López Eire, foi a porta que se abriu sobre um terreno vizinho, até então tão distante e desconhecido. A partir daí, visitar os colegas espanhóis ou recebê-los em Coimbra passou a ser tão natural como percorrer o meu próprio país e colaborar com os meus companheiros portugueses.

Foi só o princípio. Houve depois oportunidades inúmeras de nos encontrarmos. António foi conselheiro científico do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos de Coimbra, o que o tornou nosso hóspede regular. Cruzámo-nos em muitos colóquios e congressos. Nunca esquecerei aquelas intervenções que fazia, em geral na abertura ou no fecho, sem papéis escritos, com uma espontaneidade que só um grande traquejo, enormes leituras e muito saber permitem. Mas a que não faltava aquela alegria e graça, que tornavam a mais difícil ou aborrecida das matérias num prazer e num tempo de magia. Nos intervalos, os textos que me mandava, livros ou artigos, davam-me conta do que ia fazendo. E era sempre também um prazer lê-lo.

Foram quase vinte anos de convívio. Aqui, atrás da mesa onde escrevo estas linhas, as lombadas de muitos livros têm escrito o seu nome. Estão entre aqueles de que me valho a cada momento. Estou certa de que, através deles, continuaremos a conviver, sem interrupção, no dia-a-dia. E, por trás de cada um deles, estará a memória de muitas palavras e de muitos risos.